

CONCEITO DE FILOLOGIA

Bruno Fregni Bassetto (USP)

O conceito de Filologia não é unívoco; divergem muito os autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo. Daí a necessidade de se levantar a biografia do termo, ainda que concisa, na busca de seu conteúdo semântico. Obviamente, e necessário partir do que nos legaram os gregos, os inventores do termo.

O termo “filólogo”, que certamente precedeu “filologia” e “filologar” (pouco usado), é encontrado inicialmente em Platão e em Aristóteles, mas o termo é sem dúvida anterior. Significando etimologicamente “amigo da palavra”, encaixa-se na filosofia dos estoicos. Assim, *οφ λοπωγοϋ*, a palavra, é a expressão, a exteriorização do *νοϋεϋ*, a inteligência; por isso, o filólogo é aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual. Sabemos que, pelo menos até o séc. V a.C., essa palavra era eminentemente oral e o filólogo era falante ou ouvinte; quando a palavra escrita se tornou mais comum, através dos papíros e dos pergaminhos, o filólogo era o amigo da palavra tanto falada e ouvida como da escrita, segundo se depreende dos textos em que o termo é usado. Em seguida, por ser a palavra escrita bem mais acessível por seu caráter permanente, ainda que restrita a um grupo mais reduzido, o termo “filólogo” passou a designar, em especial, os que liam e escreviam. Com isso modificou-se, em parte, o significado inicial do termo, de “aquele que gosta de falar ou de aprender, ouvindo”.

Os textos seguintes, escolhidos entre aqueles em que o termo ocorre, buscam fundamentar essas afirmações; veja-se a seguinte passagem de Aristóteles:

‘...και; Λακεδαιμοσπνιοι Χιπλονα και; τωϋν γεροσπντων ερποισησαν, η {κιστα φι-λοσπογοι ω[ντεϋ...¹
... e os espartanos (homenagearam) a Quilão e o colocaram entre os gerontas, embora fossem bem pouco *filólogos*...

Sabe-se que Quilão é um dos chamados sete sábios; foi poeta lírico e epistológrafo, tendo vivido no século VI a.C. A fama lhe deu aquela dignidade por parte de seus conterrâneos, conhecidos como bem pouco dados ao cultivo da palavra. Nessa passagem, “filólogo” conserva o significado etimológico de “amigo da palavra” ou que gosta de falar ou de ouvir.

Há outras ocorrências do vocábulo em Aristóteles e, sobretudo, em Platão, *Teeteto*, 146a; *Fedro*, 236e; *Leis*, 641e; *República*, 582e; *Laqués*,

¹ A *Arte da Retórica*, 1398 b.

188e). Nenhum desses tópicos, porém, é suficientemente claro quanto ao conteúdo semântico de “filólogo”. Veja-se, por exemplo, o seguinte:

Αθπλουεν το; γ= εφμοσν, ω.:Σ Νικιπα, περι; λοπγων εφσττιν. ειφ δ
ε; βουπλει, ουφκ αθπλουεν, αφλλα; διπλουεν. και; γα;ρ α[ν δοπξαιμι τ
ω/ε φιλοπλογο∇ ει.:ναι και; αυ.:Σ μισοπλογο∇.²

“Minha posição, o Níquia, é simples em relação às palavras. Ou se quiseres, não simples, mas dupla. Pois tenho a impressão de amar as palavras e também de odiá-las”.

Nesse texto, como em outros de Platão, “filólogo” não parece ter significado específico ou técnico; acontece o mesmo com termos afins, como πολυπλογο∇ e βραχυπλογο∇, respectivamente, “que fala muito” ou “loquaz” e “de fala curta” ou “conciso”, sem ampliação semântica. Mas há certa especificidade do termo no tópico seguinte:

Αφναπγκη, ε[φη, α{ οθ φιλοπσοφο∇ τε; και; οθ φιλοπλογο∇ εφπαιν
ειε, αφληθεπστατα ει.:ναι.³

“Necessariamente – diz – tudo quanto o filósofo e o filólogo aprovam é o mais verdadeiro”.

Platão aí distingue claramente o filósofo e o filólogo, considerando ambos como especialistas suficientemente abalizados para copiar sobre o que é ou não verdadeiro; para isso é necessário ter conhecimentos e discernimento e não apenas ser bom falante. Assim fica claro que o termo tendia a se especificar já na época de Platão; em Isócrates (436-338 a.C.), “filologia” tem o sentido de “gosto pelo estudo das palavras”. (*Antídosis*, XV, 296), cujo despertar é considerado de grande valia no trabalho educativo.

Em Cícero (106-43 a.C.), encontra-se a forma comparativa de “filólogo”, em caracteres gregos, cujo conteúdo significativo é bastante claro, na linha do pensamento grego:

Postea autem quam haec coepi φιλολογωπτερα, iam Varro mihi denuntiaverat magnam sane et gravem προσφωπνησιν. (*Ad Atticum*, XII, 13,3)

Mas depois que dei início a essas obras *mais cuidadas literariamente*, Varrão já me anunciara uma grande e certamente profunda *consagração*.

Cícero compara os discursos, que antes escrevia com obras de outros gêneros que passou a escrever e considera as últimas “mais filológicas” que as primeiras. Conhecemos o caráter altamente literário de seus discursos; qual será então o significado desse comparativo? Levando-se em conta o caráter mais pragmático do gênero oratório, “mais filológico” parece estar

² *Laqués*, 187c.

³ *República*, 582e.

relacionado com a gratuidade dos temas abordados, como o destino, a amizade, a velhice e a natureza dos deuses, onde se busca apenas a cultura e o exercício do raciocínio. Cícero não traduziu nem transliterou o termo grego certamente por não encontrar no latim um correspondente. No mesmo *Ad Atticum*, o termo volta a ocorrer, mas em caracteres latinos:

Ergo illam Ἀφκαδημικῆσιν, in qua homines nobiles illi quidem sed nullo modo philologi nimis acute loquuntur, ad Varronem transferamus. (XIII, 12,3)

Portanto, transiframos para Varrão aquela Acadêmica, na qual aqueles homens, nobres sem dúvida, mas de forma alguma filólogos, falam de modo por demais contudente.

Cícero distingue nobreza e cultura; os homens são nobres, mas não têm o refinamento intelectual requerido pelo ambiente acadêmico – não são filólogos, que é denunciado pelo modo de falar. O mesmo conteúdo semântico têm as ocorrências do termo em *Ad Familiares*, XVI, 21, 4 e *Ad Atticum*, 11,17.

Foram inventariadas 56 ocorrências em autores gregos e latinos, sobretudo em Estrabão (séc. I a.C. – I d.C.), Arriano (séc. II d.C.), Ateneu (séc. II-III d.C.), Longinus (213-273 d.C.), Plutarco (42-126), Stobeu (450-500 d.C.), além dos já citados. O nosso vocábulo é usado com o significado de “amigo do estudo ou do conhecimento”, “amante da leitura” e, algumas vezes, “amigo da palavra falada”, como em Plutarco, *Vidas Paralelas*, 22, 1-2. Quase sempre, porém, o termo está relacionado com homens de letras e autores de qualquer tipo de obra escrita. Encontra-se também “filologia” e mais raramente “filologar” (como em Arriano – *Dissertationes Epictecti*, III, 10, 10-11; Ateneu – *Os Deipnosofistas*, 160e-f), no sentido de “dissertar com erudição”.

Gaius Suetonius Tranquillus, historiador romano do tempo dos imperadores Trajano e Adriano (séc. I-II d.C.), em *De Grammaticis et Rhetoribus*, parte da obra *De Viris Illustribus*, nos explica o que se entendia por “filólogo” em sua época: tendo apresentado Lucius Ateius Praetextatus como nascido em Atenas, prisioneiro de guerra em 86 a.C. e como tal levado a Roma, auxiliar de Salústio na montagem de *Breviarium Rerum Romanarum*, por fim acrescenta: “...Philologus ab semet nominatus”. O motivo dessa autodenominação está explicado numa carta que Ateius Praetextatus escreveu a seu amigo Lélío Herma:

...scripsit se in Graecis litteris magnum processum habere et in Latinis nonnullum.

...escreveu ter conseguido grande avanço nas letras gregas e algum progresso nas latinas.

Em seguida, Suetônio esclarece:

Philologi adpellationem adsumpsisse videtur quia, sic ut Eratosthenes qui primus hoc cognomen sibi vindicavit, multiplici variaque doctrina censebatur. Quod sane ex commentariis eius adparet, quamquam paucissimi exstant: de quorum tamen copia sic altera ad eundem Herma epistula significat: 'Hyles nostram memento commendare, quam omnis generis coegimus, uti scis octingentos libros!'. (*De Gram. et Rhet., 5-10*)

Parece ter tomado a denominação de Filólogo porque, como Eratóstenes que por primeiro reivindicou para si próprio esse cognome, era considerado por seu múltiplo e variado conhecimento. Isso se depreende claramente de seus comentários, embora restem pouquíssimos: a respeito do volume deles uma outra carta ao mesmo Herma, acentua: 'Lembra-te de recomendar a nossa Floresta, na qual reunimos, como sabes, oitocentos livros de todos os gêneros'.

Eratóstenes (275-194 a.C.), de quem fala Suetônio, era de Cirene na Líbia, norte da África; foi discípulo de Calímaco (séc. III a.C.) e de Lisânicas, também tutor real a convite de Ptolomeu, o Euergetes, e depois chefe da famosa Biblioteca de Alexandria, sucedendo a Apolonius Rhodius é considerado o sábio mais versátil de seu tempo. Os especialistas alexandrinos contemporâneos chamavam-no *βηῆτα*, isto é, muito próximo do máximo, e também o denominavam *πεπνταθλον*, isto é, aquele que se distingue em todos os gêneros ao mesmo tempo. Esse expoente da humanidade considerava que "filólogo" era o adjetivo que melhor o caracterizava, no que foi seguido por Ateius Praetextatus.

Considerando-se que, a julgar pelos poucos fragmentos de que dispomos, o melhor da obra de Eratóstenes versa sobre geografia, não é correto restringir o campo do filólogo romano ou grego à literatura ou às artes. Eratóstenes e Ateius são sábios, que dispunham de amplos conhecimentos sobre "todos os gêneros", isto é, todos os ramos da ciência, obviamente incluindo gramática e problemas de linguagem. Nesse contexto, "filólogo" tem um conteúdo semântico bem específico.

Entretanto, outros textos mostram que persiste a ausência de univocidade do termo, embora as discrepâncias semânticas não sejam tão aberrantes. Considere-se o seguinte texto de Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C./ 1 d.C. – 65), em que se esclarecem as especialidades do filósofo, do filólogo e do gramático:

Cum Ciceronis librum de re p. prendit hinc philologus aliquis, hinc grammaticus, hinc philosophiae deditus, alius alio curam suam mittit. Philosophus admiratur contra iustitiam dici tam multa potuisse. Cum ad hanc eandem lectionem philologus accessit hoc subnotat: duos Romanos reges esse quorum alter patrem non habet, alter matrem. Nam de Serui matre dubitatur: Anci pater nullus, Numae nepos dicitur.

Praeterea notat eum quem nos dictatorem dicimus et in historiis ita nominari legimus, apud antiquos magistrum populi vocatum. Hodieque id exstat in auguralibus libris et testimonium est, quod qui ab illo nominatur magister equitum

est. Aequé notat Romulus periisse solis defectione; provocationem ad populum etiam a regibus fuisse: id ita in pontificalibus et aliqui sunt argui qui putant et Fenestella. Eisdem libros cum grammaticus explicuit, primum verba exse-reapse dici a Cicerone, id est ré ipsa, in commentarium refert, nec minus sepse, id est, se ipse. Deinde transit ad ea quae consuetudo saeculi mutavit, tamquam ait Cicero: 'Quoniam sumus ab ipsa calce eius interpellatione revocati.' Hanc quam nunc in circo cretam vocamus calce antiqui dicebant. Deinde Ennianus colligit uersos et in primis illos de Africano scriptos (...) Ennius hoc ait Homero se subripuisse, Ennio Virgilium. (*Cartas*, Lv. XVIII, 30ss.)

Quando pega o livro de Cícero *De Republica* um certo filólogo aqui, um tal gramático ali, acolá alguém dado à filosofia, cada um revela ao outro sua preocupação. O filósofo se admira de que se tivesse podido afirmar tantas coisas contra a justiça. Quando o filólogo chega a esse mesmo ponto observa o seguinte: Há dois reis romanos, um dos quais não tem pai e o outro não tem mãe. Pois pairam dúvidas sobre a mãe de Servus; não se conhece o pai de Ancius, sendo apenas considerado neto de Numa.

Nota ainda que aquele a quem chamamos o ditador e lemos que assim era denominado nas histórias, entre os antigos era designado por mestre do povo. Ainda hoje consta nos livros de augúrios e há prova de que, quem era designado por aquela expressão, de fato era o mestre da cavalaria. Observa ainda que Rômulo morreu durante um eclipse do sol; que houve provocação contra o povo da parte também dos reis: assim está nos (livros) pontificais e há alguns peritos que pensam assim, como Fenestella⁴ – Quando o gramático abre os mesmos livros, primeiramente comenta que as palavras *exse-reapse* foram ditas por Cícero, isto é, “pela própria coisa”, ainda mais *sepse*, isto é, “ele mesmo”. Passa depois para aquilo que o uso secular mudou, como diz Cícero: “Pois fomos chamados de volta do fim da carreira por seu grito”. Aquilo que agora, no circo, chamamos *cretam* (“cal”, “giz”) os antigos diziam *calcem*. Em seguida, reúne versos de Ênio, em primeiro lugar aqueles referentes ao Africano. (...) Afirma que Ênio tirou isso de Homero e Virgílio, de Ênio.

Sêneca traça bem o perfil do gramático e do filólogo; o gramático se preocupa com problemas específicos de língua e de literatura, como expressões típicas, arcaísmos, influências literárias. O filólogo apresenta análises, deduções, inter-relacionamento de fatos, conhecimento dos livros de história, de arúspices e dos escritos pontificais – índices de uma cultura ampla, própria do sábio, do Filólogo, como Eratóstenes e Ateius.

Em outras ocorrências do termo “filólogo”, o contexto confere maior peso a um ou outro aspecto semântico: considerando-se o caráter extremamente amplo do seu conteúdo significativo, é fácil compreender posições e conceituações divergentes. Desde as primeiras atestações, porém, está pelo

⁴ Fenestella (35 a.C. – 36 d.C.) escreveu uma *História Romana*, em 22 livros, das origens até 57 a.C. As citações, que dele foram feitas, sobretudo por Ascônio, mostram ter tido grande autoridade antes do período ciceroniano. Os fragmentos que chegaram até nós revelam um acurado senso crítico e grande dedicação ao estudo dos problemas sociais e institucionais da Roma antiga.

menos implícito o texto escrito, como no de Sêneca. Outros textos indicam claramente o interesse do filólogo por todas as formas de manifestação do pensamento, mesmo a palavra falada ou ouvida. Veja-se, como exemplo, esta passagem de Plutarco (*Vidas Paralelas – Catão Maior, 22,2*):

Ευφθυ;∇ ουεν οιθ φιλολογωπαταιοι των νεανιπσκων εφπι; του;∇ α[νδ
ρα∇ ι[εντο και; συνησαν, αφκρωσμενοι και; θαυμασζοντε∇ αυφτουε
∇.

Então, os mais *filólogos* dos jovens se aproximaram logo e cercaram os homens, ouvindo-os com atenção e admirando-os.

Os homens de que fala Plutarco (42-126 d.C.) eram filósofos relacionados com Carnéades, o Acadêmico, e com Diógenes, o filósofo, vindos a Roma em missão diplomática. “Filólogo” indica aí aqueles que tinham muita vontade de aprender, levando aqueles jovens a quase pressionar os sábios gregos; são “os amigos da palavra”, a palavra que instrui e alarga horizontes. Por isso Plutarco qualifica-os de “filólogos”, e no superlativo, e não de filósofos como os seus interlocutores.

Uma outra acepção é dada ao termo por Sextus Empiricus (cerca de 200 d.C.) em *Contra os Matemáticos, I, 235*:

Και; παζλιν εφν διαλεπχει αφποβλεπποντε∇ προ;∇ τουε∇ παροπντα
∇ τα;∇ με;ν ιφδι-ωτικα;∇ λεπξει∇ παραπεσμμπομεν τη;ν δε; αφστειοτεπ
ραν και; φιλολοπγον συνηπ-θειαν μεταδιωπζομεν. ωθ∇ γα;ρ ηθ φιλολο
πγο∇ γαλαεται παρα; τοιε∇ ιφδιωπται∇, ου{τω∇ ηθ ιφδιωτικη; παρα; τ
οιε∇ φιλολοπγοι∇.

E de novo, numa dissertação, tendo em vista os presentes, procuraremos as expressões mais refinadas e filológicas e deixaremos de lado as expressões comuns, pois, como o uso culto é ridicularizado pelos que só se guiam pelo comum, da mesma forma o comum o é pelos do uso culto.

Sextus Empiricus distingue com clareza aquilo que na terminologia da lingüística moderna se chama “norma” ou “nível” lingüístico; segundo ele, é preciso adequar a linguagem à platéia: para os mais cultos, expressões mais refinadas e “filológicas”, e para os mais simples, expressões comuns, a fim de se evitar o ridículo. O conteúdo semântico de “filólogo” aponta claramente para algo refinado, culto e estilizado no campo da linguagem, como em Cícero.

Em Longino (213-273 d.C.), encontra-se uma das poucas ocorrências do verbo φιλολογειεν, no sentido de “discorrer, dissertar com conhecimento” e, sem dúvida, também com alguma elegância, em *O Sublime, XXIX, 2*:

Αφλλα; γα;ρ α[λι∇ υθπε;ρ τηε∇ ειφ∇ τα; υθψηηλα; τωεν σχημαπτων κ
ρηπσεω∇ εφκ παρενθηπκη∇ τοσαυετα πεφιλολογηεσθαι, Τερεντιανε; φι

πλτατε.

Muitos, porém, já dissertaram bastante, por digressão, sobre o uso das figuras em relação ao sublime, caríssimo Terenciano.

Desses textos pode-se concluir que o termo “filólogo” denota, quase sempre, uma idéia de refinamento intelectual, de amplos conhecimentos gerais ou específicos, de cultura em geral e de domínio da linguagem em particular. Entretanto, não se chegou à univocidade do termo. Textos contemporâneos dos citados acima trazem o termo em sua acepção não específica, próxima da etimológica, como o tópico seguinte de Ateneuautor do séc. II-III d.C., em *Os Deipnosophistas*, 39b:

Φησι;ν Α[λεχι]ν και; ο{τι
οι. : νο
φιλολοπγου] παπντα
ποιειε] τουε] πλειπνα
πιπνοντε] αφροπν.

Alexis diz também que
o vinho
torna *loquazes* a todos
os que o bebem
em maior quantidade.

É a notória loquacidade de muitos quando se embriagam, conforme sugere também o contexto; não parece aceitável a tradução “amides lettres” que lhe dá a edição *Belles Lettres*, a não ser em sentido jocoso ou pejorativo. Sob esse aspecto, um interessante jogo de palavra de Zenão nos foi legado por Stobeu (séc. V d.C.) em *Florilégio*, 36,26:

Ζηπνων τωε] μαθητωε]ν ε[φασκε τουε] με;ν φιλολοπγου] ει[ναι τουε]
ε] δε; λογοφιπλου].

Zenão dizia dos alunos que uns eram filólogos, mas outros, logófilos.

Ao filólogo interessa a comunicação, o conteúdo significativo e enriquecedor da mensagem, enquanto para o logófilo palavras são palavras apenas. Evidente é o sentido pejorativo de logófilo, como o é também, de modo geral, *φιλοππαλο]* (“verborrágico”); ambos, porém, nunca foram atribuídos a um verdadeiro filólogo.

Não se consegue, porém, chegar à univocidade; a partir do significado etimológico de “amigo da palavra”, “amante do falar”, seu campo semântico se amplia bastante, passando a abranger tudo o que se refere ao ato da comunicação pela linguagem sob qualquer de suas formas. Nessa acepção abrangente se acomodam todas as variantes semânticas, até a atribuição do qualificativo aos sábios “de múltipla e variada doutrina”, na expressão

de Suetônio, para os quais a língua é mais um meio do que o objeto de estudo – o que é próprio do gramático. Entretanto, pode o filólogo tomar a linguagem como objeto de suas atenções sem extrapolar, embora isso não tenha acontecido com frequência. Assim, há quem diga que Sinésio de Cirene (370-413 d.C.) teria entendido filologia como pesquisa de palavras; contudo, a passagem em que tal afirmação se baseia parece, no mínimo, bastante vaga:

Και; οθ φιλοσοφοῦν οθ καθ=ηθμαῶν συνεπσται με;ν εθ αυτωῃ τε και ι; τωῃ/ θεωῃ δια; φιλοσοφιαῶν, συνεπσται δε; τοιῶν ἄ[νθρωποισιῶν δια; τ ωῶν υθφειμεπνων τουῃ λοπγου δυναπμεων. Εθπιστηπσεται με;ν ουφν, ωθῶν φιλοσπλογοῦν: κρινειῶ δε;; ωθῶν φιλοσοφοῦν, εἰ καστοππων τε και; πα πντα.⁵

E o filósofo entre nós se encontrará consigo mesmo e com Deus através da filosofia; encontrar-se-á com os homens através das forças subjacentes à palavra terá, pois, conhecimentos como filólogo; e, como filósofo, julgará tanto as parte como o todo.

Sinésio distingue dois aspectos do cristão culto, o filósofo e o filólogo; este sabe usar a força das palavras na comunicação com os homens, mas isso não significa que faça pesquisas específicas sobre as palavras; semanticamente, nesse tópico “filólogo” significa “sábio” como Eratóstenes e Ateius, mas de nenhum modo algo parecido com pesquisador de etimologias.

O citado texto de Sêneca mostra claramente que os antigos distinguem o filólogo do gramático. Em *De Grammaticis et Rhetoribus*, Suetônio discorre sobre vinte “grammatici” e dezesseis “rhetores”; dos vinte gramáticos, apenas um se considera igualmente filólogo, Lucius Ateius a respeito da introdução dos estudos de gramática em Roma, afirma Suetônio nessa obra:

Primus igitur, quantum opinamur, *studium grammaticae* in urbem intulit Crates Mallotes, Aristarchi aequalis, qui missus ad senatum ab Attalo rege inter secundum et tertium Punicum bellum sub ipsam Ennii mortem, cum regione Palatii prolapsus in cloacae foramen crus fregisset per omne legationis simul et valetudinis tempus, plurimas fecit adsidueque disseruit ac nostris exemplum fuit ad imitandum. (2, 1-3)

Portanto, o primeiro, ao que saibamos, a introduzir o *interesse pela gramática* na Cidade foi Crates de Malos, contemporâneo de Aristarco, que enviado ao senado pelo rei Átalo entre a segunda e a terceira guerra púnica, perto da própria morte de Ênio; tendo caído numa abertura do esgoto na região do Palácio e quebrado a perna, durante todo o tempo da legação e da convalescença, procedeu freqüentemente a leituras públicas e dissertou com freqüência, dando aos nossos um exemplo a ser imitado.

⁵ Migne – *Patrologia Graeca*, vol. LXVI, p. 1126 (Dion, 43b).

A visita de Crates a Roma foi em 168 a.C.; ele foi o primeiro diretor da biblioteca de Pérgamo e escreveu sobre Homero, Hesíodo, Eurípedes e Aristófanes, entre outros, sob uma perspectiva filosófica e conservadora. Não era, portanto, um simples gramático, isto é, alguém que só se preocupava com problemas especificamente de língua, segundo a caracterização de Sêneca. A dificuldade consiste em precisar o conteúdo semântico de “Gramática”. Ainda no *De Grammaticis et Rhetoribus*, 4,2, Suetônio informa:

Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine invaluit sed initio litterati vocabantur.

A denominação de gramáticos prevaleceu por influência grega; no começo, porém, eram chamados literatos.

Esse texto confirma a sabida influência grega sobre a cultura latina e nos ajuda a recompor a terminologia do ponto de vista histórico, já que semanticamente se fica na mesma: γραμμα, γραμματοῦ é *littera* em latim. Suetônio fornece outros esclarecimentos:

Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, ‘litteratos vulgo quidem appellari’ ait ‘eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere’, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. (*Ib.*, 4, 2-3)

Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que comumente são chamados literatos os que são capazes de dizer ou escrever algo de modo especial, com profundidade e conhecimento de causa, aliás, devendo ser assim chamados propriamente de intérpretes dos poetas, aqueles que seriam denominados gramáticos pelos gregos.

Note-se, nesse texto de Suetônio, a caracterização do literato, que deve saber expressar-se muito bem e de modo artístico, sendo realmente estudioso e intérprete dos poetas. Por outro lado, destaque-se a expressão “...possint dicere aut scribere”; dá-se à expressão oral a mesma importância que à escrita, de modo que um literato não precisava necessariamente ser um escritor.

Havia ainda outras graduações nessa mesma linha, fornecidas por Suetônio no mesmo capítulo (4,4-5):

Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammatista, et illum quidem absolute hunc mediocriter doctum existiment.

Há os que distinguem literato de literator, como os gregos distinguem gramático de gramatista; àquele consideram douto de modo absoluto e a este apenas medianamente douto.

Fazia-se, portanto, distinção entre “erudito”, “literato” e “literator”

entre os romanos, e entre “gramático” e “gramatista” entre os gregos; há também frequentes oposições entre “filósofo” e “filólogo”. Segundo Suetônio esses qualificativos eram atribuídos conforme o grau de conhecimento do agraciado, embora os limites fossem bastante fluidos. Ao que se sabe, não houve contestação quando Eratóstenes Ateius se autodenominaram filólogos. Plotino (205-269/70 d.C.), porém, contestou a qualificação de “filósofo” a Cassius Longinus (213-273 d.C.). Segundo o relato de Porfírio (232/3-305 d.C.), em Περὶ Πλωτινῶν βίῳ (“Sobre a Vida de Plotino”), nas quais se liam textos, logo em seguida comentados pelo mestre. Quando da leitura de Cassius Longinus, Porfírio conta:

Ἀφραγῶθεπντοῦ δὲ; αὐφτω/ἃ τοῦ τε Περὶ; ἀφρχῶν Λογγίπνου και; τοῦ Φιλ.αρχαίπνου, φίλοπλογοῦ μὲπν, εἴφη, οθ Λογγίπνοῦ, φίλοπσοφ οῦ δὲ; οὐφδαμῶἔ. (14, 18–20)

Tendo-se lido para ele *Sobre os Princípios* e *O Amante de Antigüidades* de Longino, diz ele: ‘Longino é filólogo, mas filósofo de modo algum’.

O motivo de Plotino atribuir a Longino o qualificativo de “filólogo” e não de “filósofo” é que Longino, ao falar de Platão, se atém de preferência aos aspectos estilísticos. A informação é dada por Proclus (410/12-485) nos *Comentários a Timeu* (de Platão), onde afirma que Longino destaca a preocupação de Platão “em enfeitar e diversificar sua linguagem, referindo-se às mesmas coisas uma vez de um modo e outra, de outro. De fato, chamou a façanha, de velha (αφρχαίῳν), o texto, de antigo (παλαίῳν) e o homem, de não-novo (οὐφ νεπῳν)”. São três expressões sinônimas, certamente buscadas por Platão, que dão ao texto um valor artístico sem diminuir-lo a qualquer título em seu conteúdo filosófico. mas Orígenes, Aristóxenes, Jâmblico e Proclo não concordam com esse modo de analisar Platão; Proclo declara que a única maneira digna de explicar o pensamento de Platão é a filosófica

– ἀφλλ= οὐφκ ηθ πολυπραγμοσυπνη τηῖ λῆπξῆοῦ
e não o multiforme emprego de termos.⁶

Este episódio mostra que os especialistas sabiam delimitar com bastante precisão os diversos campos do conhecimento e não admitiam intromissões. Cassius Longinus faz análise literária de Platão e por isso é filólogo e não filósofo, já que não discute suas idéias. Por outro lado, Eunapius (345-420 d.C.), em *Vita Sophistarum*, chama Longinus “biblioteca viva e museu ambulante”, o que o torna um erudito, em filólogo como Eratóstenes e Ateius. Contudo, os comentários literários que levaram Plotino a qualifi-

⁶ Cf. Festugière - *Proclus: Commentaire sur le Timée*. Paris, URIN-SNRS, 1966, p. 124. (Proclus, 87, 14-15)

car Cassius Longinus de “filólogo” pertence à seara própria do gramático grego ou do literato latino, segundo Suetônio. Pelo que se conhece de Cassius Longinus, pode-se dizer que o filólogo desse período é também, ou pode ser, analista e crítico literário, ramo que faz parte do universo cultural do “sábio” ou do “erudito” segundo os padrões da época. Em nenhum dos autores pesquisados encontrou-se qualquer referência à pesquisa etimológica, semântica ou formal do léxico como atividade característica ou própria do filólogo, que eventualmente pode exercê-la.

Quando o cristianismo se impõe, começa a rarear a ocorrência do termo. Não é encontrado em Santo Agostinho (354 a 430), ou em Anicius Manlius Severinus Boethius (480-583), nem em Isidoro de Sevilha (602-634), cujas *Etymologiae*, quase enciclopédicas, não fazem qualquer menção a filólogo ou à filosofia. Desse período, destaca-se apenas Martianus Capella com *De Nuptiis Mercurii et Philologiae*, da primeira metade do século V: A Filologia, cercada ancilarmente pelas sete artes, sobe ao céu para se casar com Mercúrio, o deus da eloquência. Capella é apenas um compilador; na segunda parte trata superficialmente das sete artes. Filologia em Capella deve ser entendida no sentido grego, de conhecimentos vastos e múltiplos, com inclusão das artes em geral e da literatura em particular.

Tudo indica, pois, que o termo “filólogo” deixou de ser corrente a partir do século VI no Ocidente. A nova mentalidade cristã levou os estudiosos a outra visão do mundo, a outra mentalidade dominada sobretudo por problemas religiosos; tentava-se suprimir tudo o que não se pudesse cristianizar. Também a cultura greco-latina passou por esse crivo; textos clássicos eram copiados por necessidade didática, servindo de modelo estilístico no aprendizado do latim, e isso para um número relativamente pequeno de aficionados, sobretudo da classe alta. O próprio clero desconhecia o latim, tanto que o papa Zacarias (741-752) se viu obrigado a reconhecer como válido batismo administrado com a fórmula: “In nomine de Patria, et Filia et Spiritua Sancta”.

A tentativa de Carlos Magno (768-814) de reverter essa situação não produziu os resultados esperados, como também a reforma de Cluny, no século XI. Enquanto uma restrita intelectualidade ainda se dedicava ao latim, a língua e a literatura gregas eram praticamente esquecidas em toda a Europa. Apenas com os primeiros movimentos do renascimento, voltam a ser estudadas; assim em 1396, Emmanuel Chrysolora vem de Constantinopla a Florença como professor de grego, depois de um hiato de 700 anos.

Nos séc. XV e XVI, surgem renomados humanistas e a filologia é retomada com a pesquisa “real” dos antigos, buscando uma explicação compreensiva dos textos. Nessa perspectiva, é preciso citar especialmente a trilogia formada por José Justo Escalígero (1540-1653), Cláudio de Sau-

maise (1588-1653) e Isaac Casaubon (1559-1614). Ligado a esses três e, de certa forma, seu guia, Júlio César Escalígero (1484-1558), exerceu grande influência tanto pela disputa mantida com Erasmo de Roterdam (1467-1536) como por suas edições das obras de Teofrasto e de Aristóteles, a publicação dos seus *Poetices Libri VII* (1561), de teoria literária, e o *De Causis Linguae Latinae*, considerada a primeira proposta de uma gramática latina específica. Como humanista, médico e poeta, Júlio César Escalígero é o modelo do “sábio” ou “filósofo” na acepção grega e latina. O termo “filólogo” volta a qualificar os expoentes intelectuais, e a filologia ressurgiu com vigor, como se vê na obra de Guillaume Budé ou Guliermus Budaeus (1467-1540), dito o Erasmo da França, *De Philologia Libri II* (1532), tendo sido um dos primeiros a escrever também em francês, além de obras redigidas em grego e latim.

Nos séculos XV e XVI, as línguas nacionais se firmam e surgem gramáticas de todas elas, bem como dicionários e manuais. A grande preocupação é a origem das línguas, embora os estudos não tenham base científica nem filológica: assim, sob influência da Bíblia, um número considerável de autores considerava o hebraico como a língua primitiva, entre outros, G. Postel, em *De Origini – bus seu de Hebraicae Linguae et Gentis Antiquitate* (Das Origens, ou da Antigüidade da Língua e do Povo Hebreus”) (Paris, 1538); e Bibliander, em *De ratione communi omnium linguarum et litterarum commentarius* (“Comentário sobre a razão comum de todas as línguas e letras”) (Zurique, 1548).

Como não se haviam descoberto as famílias de línguas indoeuropéias, nem o próprio indo-europeu, os estudiosos formulavam teorias nem sempre lógicas e aceitáveis. Os que então se denominava filólogos escreveram obras como *Thesaurus Polyglottus* (J. Mésiger, Frankfurt, 1603), em que são citadas 400 línguas; ou o *Dicionário Multilingüe* (Londres, 1677), em que onze línguas se colocam lado a lado. Surgem os primeiros dicionários bilingües, como o primeiro inglês-francês de Randle Cotgrave (Londres, 1632) e em seguida o italiano (1645), o espanhol (Job Ludolf, 1675), etc.

É sabido que os gregos e os romanos não se interessavam por outras línguas que não a própria, mostrando até certo menoscabo pelos não falantes do grego ou do latim ao chamá-los “barbari”. Durante toda a Idade Média, a única língua considerada nobre, digna de ser instrumento de arte era o latim, já o grego praticamente foi esquecido. No renascimento nasce o interesse pelas línguas regionais, depois nacionais e os horizontes se ampliam.

Nesse período, os que se denominam filólogos, como Lefèvre, d’Étaples, Bibliander, Nebrija, Calepin, Postel, Dubois, Goropius, H. Estienne, Francisco Sanchez e outros, são assim considerados por se dedicarem

a questões relacionadas com a linguagem ou com línguas; fixa-se então o conteúdo semântico comumente atribuído ao filólogo: pesquisador da ciência da linguagem e da literatura a partir de textos. Não mais se aplica aos “de múltiplos e variados conhecimentos” como Eratóstenes, Ateius e Longino. Verifica-se, portanto, uma restrição do antigo significado do termo. Na prática, filólogo é o que se ocupa, sobretudo com o texto escrito, principalmente antigo. Não se exige mais que tenha “conhecimentos amplos e variados”, ainda que se encontre quem os tenha; o recurso a outros ramos do conhecimento humano, como a geografia, a história, a filosofia, a mitologia, a teodicéia e outras especialidades, se faz quando o conteúdo específico do texto o exigir. Entretanto, entre essas posições encontram-se muitas variações, tanto que mui dificilmente se encontram duas definições iguais de filólogo ou de filologia. A maior diferença está na amplitude semântica do termo, que vai desde “sábio”, com conhecimentos em todos os ramos da ciência, até àquele que estuda apenas a palavra escrita. Recordem-se os graus *litterator*, *litteratus*, *grammaticus* e *philologus* entre os romanos e γραμματιστηϝ, γραμματικοϝ e φιλοϝλογοϝ entre os gregos. Modernamente, essas distinções perderam o significado e surgiram outras denominações, como glotólogo, lingüista, etc. Não poucos qualificados de filólogos seriam apenas literatos ou gramáticos entre os antigos; outros, ao contrário, são mais merecedores do qualificativo “filólogo” que os antigos, em vista da gama mais ampla de conhecimentos de que dispõem.

Os séculos XVII e XVIII foram produtivos em relação aos estudos lingüísticos em geral: publicaram-se gramáticas, devendo-se destacar a *Frammaire Générale et Raisonnée* (“Gramática Geral e Razoada”) de Port Royal; há muitos estudos de fonéticas, muitas propostas de reforma ortográfica, pesquisas e teorias sobre a origem das línguas (devendo-se destacar Giambattista Vico (1668-1744) com *Scienza Nuova*), questões estilísticas (as famosas *Remarques* de Vaugelas) abordagem filosófica da linguagem (Hobbes, Spinoza, Locke, Leibniz, Condillac), inter-relações das línguas e outros aspectos. São, porém, muito esparsas as referências à filologia, já que esses séculos são eminentemente teóricos.

O conhecimento do sânscrito, aprofundado no século XIX, é um marco importante na história do estudo da linguagem, da filologia. As primeiras alusões ao sânscrito estão em algumas cartas de Sassetti, do séc. XVI. Mencione-se também a publicação *Memória* do jesuíta Coeurdoux, que teve alguma repercussão, tanto que o abade Barthélemy, de Paris, lhe pediu uma gramática e um dicionário sânscritos, em 1763. Contudo, o interesse pelo sânscrito se generalizou entre os estudiosos com a comunicação que William Jones fez à Sociedade Asiática de Bangala, em 1786, na qual refere as relações observadas entre o sânscrito de um lado, e o grego, o la-

tim, o celta, o gótico e o antigo persa, de outro. Ainda no séc. XVIII, Paulin de Saint-Barthélemy, por dezesseis anos (1774-1790) missionário em Malabar, publicou várias obras sobre o sânscrito: *Grammatica Sanscritana* (Roma, 1790) e *De antiquitate et affinitate linguae zendicae, sanscritanae et germanicae* (Pádua, 1799).

Embora se publiquem gramáticas do sânscrito na Inglaterra, como as Carrey, Forster, Colebrooke e Wilkins, e até um dicionário (Wilson), é em Paris, no Colégio da França que surge o grande centro de investigação do Sânscrito sob a direção de Silvestre de Sacy, em 1806. Com ele, pesquisam e trabalham Alexander Hamilton, Chézy, Quatremère, Rémusat, Fauriel, os irmãos Schlegel, Humboldt e Franz Bopp. Nesse contexto, aplica-se ao estudo das línguas o método comparativo, usual então nos trabalhos científicos. Os que se dedicam aos problemas da linguagem são chamados filólogos. Analisam, comparam, classificam, estabelecem relações de parentesco entre as línguas, traduzem e comentam textos, como Ramus Rask (1787-1832), Franz Bopp (1791-1867) – considerado o fundador da gramática comparada com *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* (“Sobre o Sistema de Conjugação da Língua Sânscrita em comparação com o das Línguas Grega, Latina, Persa e Germânica”) (Frankfurt, 1816), Friedrich Schleicher (1821-1867), sobretudo com a obra *Über die Sprache und Weisheit der Indier* (“Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos”).

Desenvolvem-se, assim, novos campos de estudo comparativo das línguas, cuja base é o sânscrito; paralelamente, continuava a desenvolver-se a filologia greco-romana, cujos mentores se mostravam inicialmente desconfiados em relação às novas orientações; seu trabalho, porém, obteve grandes êxitos sobretudo no trabalho filológico da crítica textual. Destacase, sob esse ponto de vista, Georg Curtius (1820-1885) que, além de estudar a etimologia do vocabulário grego, escreveu *Die Sprachvergleichung in ihrem Verhältniss zur klassischen Philologie* (“O Comparatismo Lingüístico em sua Relação com a Filologia Clássica”) (Dresden, 1845); pela comparação com as outras línguas indoeuropéias, investiga a história das línguas clássicas, associando assim os estudos histórico-comparativos com a filologia. Curtius se considerava filólogo, por entender filologia como o estudo das línguas, sobretudo clássicas, quer de sua literatura quer de sua gramática. Filólogos são também considerados os que estudam as línguas românicas; August Schlegel foi pioneiro nesse campo, com *Observations sur la langue et la littérature provençales* (“Observações sobre a Língua e a Literatura Provençais”), de 1818 – obra semelhante à de Jacob Grimm sobre poetas medievais alemães.

O provençal, língua de uma grande literatura lírica no século XII, atraiu a atenção dos romanistas; assim, François Raynouard (1761-1836) dedicou-se ao provençal e publicou *Choix des poésies originales des Troubadours* (“Seleção de Poesias Originais dos Trovadores”), cujo primeiro volume contém uma *Grammaire de la langue romane* (“Gramática da Língua Romana”) ⁷; o sexto volume traz uma *Grammaire comparée des langues de l’Europe Latine* (“Gramática Comparada das Línguas da Europa Latina”).

Friedrich Diez (Giessen, 1794 – Bonn, 1876), formado segundo os princípios do romantismo alemão, aplicou às línguas românicas o método histórico-comparativo que Franz Bopp usara no estudo das línguas indoeuropéias e Jacob Grimm no das línguas germânicas. Diez começou estudando obras castelhanas antigas, resultando *Altspanische Romanzen*, de 1818; passou depois ao provençal, a conselho de Goethe, a quem fizera a visita quase obrigatória a todos que tivessem alguma pretensão acadêmica; segundo indicação de Goethe, começou pela leitura das obras de Raynouard. Resultaram desse estudo *Die Poesie der Troubadours* (“A Poesia dos Trovadores”), em 1826; *Leben und Werke der Troubadours. Ein Beitrag zur näheren Kenntnis des Mittelalters* (“Vida e Obras dos Trovadores. Uma Contribuição para um Conhecimento mais próximo da Idade Média”), de 1829. Do provençal e do castelhano, Diez passou a estudar outras línguas românicas e, entre 1836 e 1843, publicou sua *Grammatik der romanischen Sprachen* (“Gramática das Línguas Românicas”), em três volumes; e em 1854, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* (“Dicionário Etimológico das Línguas Românicas”). Logo na primeira página de sua *Gramática*, Diez faz derivar diretamente do latim vulgar as seis línguas românicas, que ele havia considerado como tais entre todas as variedades estudadas. O ponto de partida das línguas românicas é a língua falada pelos romanos, não a forma escrita, literária, diferentemente do que pensaram Dante Alighieri e Raynouard. Por isso F. Diez é considerado o pai da Filologia Românica.

As lacunas da obra de Diez, compreensíveis em um pioneiro, foram eliminadas por Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936). Com sua *Grammatik der romanischen Sprachen* (Leipzig, 1890/92), título idêntico ao da gramática românica de Diez, amplia consideravelmente o campo românico, pois estuda e inclui todas as línguas e dialetos. Concebida dentro dos princípios dos neogramáticos, essa *Gramática* ainda hoje representa a mais segura co-

⁷ Para Raynouard, as línguas românicas não derivaram diretamente do latim; mas do latim vulgar se derivou uma “língua romana”, que ele identifica com o provençal e do qual as outras línguas seriam derivadas. Aliás, já Dante Alighieri no *De Vulgari Eloquentia*, afirmara que o provençal é a língua-mãe do italiano e do castelhano.

dificação da romanística, embora superada em alguns aspectos, sobretudo fonéticos. Seu *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (“Dicionário Etimológico Românico”), publicado entre 1911 e 1920, embora não contenha ainda todo o vocabulário românico, continua fundamental para a romanística; completa e supera o de Diez e o *Lateinisch-romanisches Wörterbuch* de G. Körting (1845-1913). Apesar de sua formação neogramática, perceptível também em outras obras como a sua *Italienische Grammatik* (“Gramática Italiana”) de 1890 e *Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft* (“Introdução ao Estudo da Lingüística Românica”), Meyer-Lübke soube avaliar e aceitar as contribuições de correntes novas, como a Geografia Lingüística e *Wörter und Sachen* (“Palavras e Coisas”), da qual foi um dos fundadores.

No âmbito da dialetologia românica, destaca-se Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), com *Saggi Ladini* (“Ensaio Ladinos”) (1873), mostrando que o rético, mesmo fragmentado dialetalmente, constitui de fato uma língua e não apenas *Ebenbürtige Schwestern* (“irmãs gêmeas”) segundo definição de Diez. Ascoli soube aplicar adequadamente os princípios da Geografia Lingüística em suas pesquisas sobre os dialetos italianos, tanto que a obra delas resultante é considerada modelar.

Na história dos estudos da linguagem, a contribuição da Geografia Lingüística foi importante especialmente depois que J. Gilliéron (1854-1926) lhe deu fundamentação científica mais sólida. Aplicando os princípios da Geografia Lingüística, o filólogo Matteo Bartoli (1873-1946) chegou à por ele denominada Neolingüística, depois rebatizada Lingüística Espacial; os princípios teóricos dessa corrente foram elaborados por Giulio Bertoni (1878- 1941) sobre a fundamentação idealista de Benedetto Croce e Karl Vossler. De início, Bartoli era ligado aos neogramáticos, principalmente a Meyer-Lübke; como romanista, recolheu tudo o que pôde da boca do último falante do dialeto dalmático, o veglioto, o que representa hoje a fonte disponível mais importante dessa língua românica morta. Bartoli pesquisou os estratos lingüísticos da antiga Dalmácia e da península da Ístria, particularmente da toponímia; daí surgiu a necessidade da criação do termo “substrato” para designar os vestígios deixados pela língua de um povo que desaparece na língua de outro que se lhe sobrepôs. Esse conceito se revelou fecundo em suas aplicações.

No campo românico, surgiu também a onomasiologia, que estuda “como um objeto ou um conceito é expresso dentro de um domínio lingüístico determinado”, abrangendo os campos da lexicologia, da semântica e da geografia lingüística, segundo Vittorio Bertoldi. O nome, porém, é criação do romanista austríaco Adolf Zauner (1870-1943) em *Die romanischen Namen der Körperteile* (“Os nomes românicos das partes do corpo”). Os

estudos onomasiológicos se multiplicaram depois da publicação dos Atlas Lingüísticos, aproximando-se do método *Wörter und Sachen*, com o qual têm pontos de contato. Com isso, a pesquisa léxica não se restringiu à fonética ou à semântica; tornou-se uma verdadeira biografia da palavra. Um exemplo dessa tendência é o *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW) do romanista suíço Walter von Wartburg (1888-1971), em que tenta mostrar influências e cruzamentos semânticos e formais entre os vocábulos no decurso da história, sua vitalidade, extensão, etc. Estudando a influência dos povos germânicos sobre o latim vulgar e as diversas variedades de romances, o autor criou o termo “superstrato”, análogo ao “substrato” de Ascoli. E o romanista holandês Marius Valkhoff (*1905) propôs “adstrato” para designar as influências entre duas línguas justapostas ou superpostas, termo mais aceito que seu sinônimo “parastrato”.

Em outros movimentos, correntes e teorias relativas à linguagem, que surgiram no fim do século passado e início deste, como a Teoria das Ondas, de Johannes Schmidt (1843-1901), e a Escola Idealista e Estética de Karl Vossler (1872-1949), não se faz distinção entre filologia e lingüística. Como “estudo científico da linguagem”, a lingüística tomou grande impulso depois de Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerado o pai da lingüística moderna.

Levando em conta a posição de destaque de Saussure e a grande aceitação que teve sua teoria lingüística, convém analisar com mais detalhe o que diz sobre o conceito de Filologia, em *Cours de Linguistique Générale*, obra póstuma, publicada por dois discípulos seus – Charles Bally (1865-1947) e Alberto Sechehaye (1870-1946) – em 1916, com base em anotações em aulas. Aí Saussure estabelece as seguintes fases do estudo da linguagem:

A primeira fase é assim caracterizada:

Grammaire, inaugurée par le grecs, continuée principalement par les français – fondée sur la logique et dépourvue de toute vie scientifique et désintéressée sur la langue elle-même.

Gramática, inaugurada pelos gregos, continuada sobretudo pelos franceses – fundada sobre a lógica e desprovida de qualquer vida científica e desinteressada da própria língua.

Não parecem justas essas afirmações; basta considerar o caráter não normativo da Gramática de Dionísio Trácio, a primeira a surgir no Ocidente. Também não se pode ignorar totalmente a tradição gramatical latina, embora sua contribuição não seja altamente considerável; dizer que os franceses foram os principais continuadores dos gregos é desconhecer a escola irlandesa dos séc. V-VII, além das escolas árabes de Kufah e Bassora, por exemplo. É também, no mínimo, um exagero negar aos estudos gramati-

cais e lingüísticos dos gregos todo caráter científico.

A fase seguinte é a filológica:

Ensuite parut la philologie. Il existait déjà à Alexandrie une école “philologique”, mais ce terme est surtout attaché au mouvement scientifique créé par Friedrich August Wolf à partir de 1777 et qui poursuit sous nos yeux.

Em seguida apareceu a filologia. Em Alexandria já existia uma escola “filológica”; esse termo, porém, está ligado sobretudo ao movimento científico criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que continua sob nossos olhos.

Sobre a escola filológica de Alexandria já se falou aqui com referências a nomes, obras e métodos de trabalho. Quanto à filologia moderna, Saussure a liga sobretudo ao movimento iniciado pela posição tomada por Friedrich August Wolf (1759-1824): ao matricular-se na Universidade de Götting, Wolf conseguiu fazê-lo como “studiosus philologiae” e não “theologiae”, como era costume. Queria a independência da filologia. Como professor da Universidade de Halle, criou um novo método de interpretação dos clássicos e sua obra *Prolegomena ad Homerum* (Halle, 1795) abalou os meios humanistas da época; exigia maior rigor científico na interpretação dos clássicos. Com *Darstellung der Altertumswissenschaft nach Begriff, Umfang, Zweck und Wert* (“Apresentação da Ciência da Antigüidade segundo Conceito, Abrangência, Finalidade e Valor”), Wolf deu início à publicação da revista *Museum dere Altertumswissenschaft* (“Museu da Ciência da Antigüidade”), em 1807; dedicada a Goethe, a *Darstellung* é considerada o manifesto da nova filologia clássica, ainda viva no início deste nosso século, segundo testemunho de Saussure.

A terceira fase, segundo Saussure:

‘Philologie comparative’ ou ‘grammaire comparée’. Commencement para l’orientaliste anglais W. Jones (+1794). En 1816, Franz Bopp (“Système de la conjugaison du Sanscrit) étudie les rapports qui unissent le sanscrit avec le germanique, le grec, le latin etc. (*Cours*, p. 13-15)

‘Filologia comparativa’ ou ‘gramática comparada’. O começo é do orientalista inglês W. Jones falecido em 1794. Franz Bopp (“Sistema da Conjugação do Sânscrito”) estuda as relações que unem o sânscrito com o germânico, o grego, o latim, etc.

Saussure refere-se à descoberta do sânscrito e ao papel de W. Jones e ao trabalho de Bopp. Deve-se notar, porém, que “gramática comparada” é uma expressão comumente atribuída a F. Schlegel; não existe, entretanto, nenhuma obra dentro do comparatismo intitulada “filologia comparada”.

Os enunciados de Saussure traduzem mais uma vez a polissemia dos termos “filologia” e “gramática”, tanto que ele mesmo sente a necessidade de definir melhor o objeto da filologia:

La langue n'est pas l'unique objet de la philologie, qui veut avant tout fixer, interpréter, commenter les textes; cette première étude amène à s'occuper aussi de l'histoire littéraire, des moeurs, des institutions etc; partout elle use de sa méthode propre, qui est la critique. Si elle aborde les questions linguistiques, c'est surtout pour comparer des textes de différentes époques, déterminer la langue particulière à chaque auteur, déchiffrer et expliquer des inscriptions dans une langue archaïque et obscure. (*Cours*, p. 13-14)

A língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões lingüísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura.

Para Saussure, portanto, a filologia é a ciência que estuda textos e tudo quanto for necessário para tornar esses textos acessíveis: a língua utilizada e todo o universo cultural que essa língua representa; isso implica o conhecimento de uma série considerável de outras ciências, como história, geografia, epigrafia, paleografia, hermenêutica, exegese, edótica, literatura etc. Daí, o filólogo “deve avere un'erudizione molto vasta”, resume Carlo Tagliavini⁸. Esse enfoque evoca as figuras de Eratóstenes, Longino e Ateius, que tinham o mesmo conceito de filologia; a diferença entre um filólogo clássico e um moderno está nos meios e no instrumental técnico à disposição do moderno, além da ampliação enorme dos campos do conhecimento que os séculos foram operando. Hoje é praticamente impossível alguém dominar todos os ramos do conhecimento. Mudaram-se, portanto, as condições gerais, a humanidade progrediu cada vez mais rapidamente até chegar ao avanço vertiginoso atual da ciência. Nessa perspectiva, o que Saussure considera filologia se afigura como algo lógico, e não quebra o conteúdo semântico do termo, transmitido pela biografia do termo.

Uma pesquisa a respeito das definições de “filologia” em autores renomados mostra que o termo continua polissêmico. Se cada autor dá sua definição, como verificou Emílio M. Martínez em seu *Diccionario Gramatical*, s.v., é porque, segundo Ernesto Renan:

La philologie est, de toutes le branches de la connaissance humaine, celle dont il est le plus difficile de saisir le but et l'unité.⁹

A filologia é, dentre todos os ramos do conhecimento humano, aquele do qual é mais difícil depreender a finalidade e a unidade.

Dentro dessa imprecisão de finalidade e abrangência, que procede dos próprios criadores do termo, as definições são formuladas segundo a

⁸ *Le Origini delle Lingue Neolatine*, p. 56

⁹ *L'Avenir de la Science*, p. 126.

perspectiva da especialidade de cada um. E assim Schlegel, em 1818, define filologia como “estudo geral das línguas”, o que parece mais uma definição de lingüística. Heinrich Lausberg a define como “estudo de todos os ‘discursos’ que os homens pronunciam ou pronunciaram”¹⁰. Caracterização inadequada justamente pela imprecisão de finalidade e abrangência. Também inadequada, por diminuição indevida da abrangência, é a definição apresentada por Joaquim Mattoso Câmara Jr.: “Filologia é o estudo da língua na literatura”.¹¹ Dentre as numerosas definições encontradas, duas se destacam pela adequação; a primeira é a do filólogo e arqueólogo alemão August Boeckh (1785-1867):

Philologie ist die Erkenntnis des Erkannten.
Filologia é o conhecimento do conhecido.

Semelhante em seu conteúdo significativo, mas em outros termos é a de Ernest Renan:

La philologie (...) est l'science des produits de l'esprit humain.¹²
A filologia (...) é a ciência dos produtos do espírito humano.

Em conclusão, a biografia do termo “filólogo” pode ser dividida nas seguintes fases:

1 – As primeiras ocorrências nos textos gregos dos séc. V e IV a.C. apresentam a acepção etimológica de “amigo da palavra”, isto é, aquele que gosta de falar ou de ouvir a palavra. Um ou outro texto sugere a conotação de “tagarela”, como *Ateneu*, em 38b; a grande maioria, porém, dá ao termo o significado de “estudioso”, “que gosta de aprender”, como em Plutarco (*Cato Maior*, 22,2) e Cícero (*Ad Atticum*, 11, 17), ou de “culto”, “sábio”, “refinado”, como estágio subsequente de quem aprendeu através da palavra, como em Aristóteles (*Retórica*, 1398b) e Cícero (*Ad Atticum*, XIII, 12, 3).

2 – Com Eratóstenes de Cirene (275-194 a.C.), filólogo é sinônimo de sábio, pessoa de vasta cultura e conhecimentos em todos os ramos, expressos em muitos livros. Trata-se de uma espécie de título, posteriormente atribuído também a Ateius e Longino. Esses filólogos estão sempre relacionados com a palavra – escrita ou falada ou ouvida – em geral. De fato, é uma especialização semântica do vocábulo, mas que coexiste com o significado etimológico e suas derivações polissêmicas mais imediatas. Nessas acepções o termo é encontrado em textos até ao século VI, quando se torna raro até praticamente desaparecer.

3 – Com os primeiros indícios do Renascimento, na segunda metade

¹⁰*Lingüística Românica*, vol. I, p. 37.

¹¹*Dicionário de Filologia e Gramática*, s.v.

¹²*L'Avenir de la Science*, p. 138.

do séc. XIV, volta-se a estudar novamente os clássicos na Itália e depois em toda a Europa. Reaparecem os filólogos, como os Escalígeros, Saumaise, Casaubon, Wolf, entre tantos outros nomes conhecidos, que estudam, comentam e editam os clássicos latinos e gregos. Com isso se fixa o conceito moderno, em sentido estrito, de filologia como *a ciência do significado dos textos*; e em sentido mais amplo, como *a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura*.

BIBLIOGRAFIA

- AMADOR, Emilio M. Martínez. *Diccionario gramatical*. Barcelona : Ramón Sapena, 1954.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 4ª. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : J. Ozon, 1970.
- CORTE, Francesco della. *Dizionario degli scrittori greci e latini*. Milano : Marzorati Editore, 1988, 3 vols.
- HAASE, Wolfgang. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin-New York : Walter de Gruyter, 1983, vol 29.1 a 32.5 (Literatur und Sprache).
- MEILLET, Antoine *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : Klincksieck, 1951.
- MOUNIN, Georges. *Historia de la lingüística*. Versión española de Felisa Marcos. Madrid : Gredos, 1971.
- PAUL, Hermann. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Trad. de Maria Luisa Schemann. Lisboa : Calouste Gulbenkian, 1970.
- RENAN, Ernest. *L'avenir de la science*. Paris : Calmann-Lévy Éditeurs, 1849.
- RIBEIRO, João. *Rudimentos de Filologia Românica*. Rio de Janeiro : J. Ozon, [s/d].
- ROHLFS, Gerhard. *Romanische Philologie*. Heidelberg : Carl Winters, 1952, 2 Bände.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye. Paris : Payot Édit, 1972.
- SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Filologia Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1957.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna : C. Patron Edit., 1972, 6ª. ed.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëllis de. *Lições de filologia Portuguesa (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*. Lisboa : Dinali-

vro, [s/d.].

VIDOS, Benedek Elemér *Manual de Lingüística Românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro : Eduerj, 1996.

WARTBURG, Walther von. *Einführung in Problematik und Methodik der Sprachwissenschaft*. Halle, 1943.

Os textos dos autores gregos e latinos, transcritos no decurso deste trabalho, foram retirados das edições críticas de The LOEB Classical Library, Harvard University Press, ou de Belles Lettres, Paris, ou de B. G. Teubner, Stuttgart.